

A invenção da Ilha Grande: a influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação local

*Carolina Dutra de Araújo (dutracarolina@gmail.com)**

Resumo

O Instituto Penal Cândido Mendes, sediado na Ilha Grande de 1940 a 1994, sempre despertou o interesse e a curiosidade de visitantes. Com sua implosão em 1994 e a permanência de seus escombros na Vila Dois Rios, foi possível que as pessoas pudessem conhecer o presídio. Nesse sentido, este artigo busca compreender o papel do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação da Ilha Grande, através da visão dos residentes da Vila Dois Rios e dos turistas em relação a ele. O procedimento metodológico utilizado foi pesquisa de campo através de entrevistas estruturadas. Os resultados apontam divergências entre moradores e turistas, onde foi possível perceber que a Ilha Grande foi "inventada" enquanto local atrativo para visitação turística, devido aos mitos em torno da imagem do presídio.

Palavras-chave: Turismo, visitantes, residentes, Ilha Grande, Instituto Penal Cândido Mendes, imaginário.

Abstract

The Instituto Penal Cândido Mendes, settled in Ilha Grande from 1940 to 1994, have always set visitors' interest and curiosity. Given its implosion in 1994 and the wrecks remains in Vila Dois Rios, there was the actual possibility to visit it. In this sense, the article tries to understand Instituto Penal Cândido Mendes' role on the turistification of Ilha Grande, through Vila Dois Rios residents visions and of tourists concerning to it. The methodological procedure was field research and interviews. The results shows different points of view among residents and tourists and it was possible to realize that Ilha Grande was "invented" as an attractive site for tourism, because of the myths around the image of the prison.

Key-words: tourism, visitors, residents, Ilha Grande, Instituto Penal Cândido Mendes, imaginary.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

"Nas escarpas da ilha Grande, a esfalhar-me, a aproximar-me vagaroso da Colônia Correccional, papagueava com um matuto fardado sobre gente do interior, meio esquecida. (...)

No fim da tarde alcançamos um pátio branco. Ao fundo, enorme galpão fechado, e junto a ele cercas de arame, certamente o curral onde nos confinariam.

A vista fixa nas paredes baixas, na cobertura de zinco, durante algum tempo não percebi as casas alinhadas no terreiro. Surgiram-me de chofre, como se tivessem construído naquele instante, sem dúvida residências de funcionários, repartições, cozinhas, e alojamento da tropa. Na confusão da chegada, isso me vinha desconexo, vago e sem limites. Amálgama incoerente."

("Memórias do Cárcere", Graciliano Ramos, p.53)

A Ilha Grande (IG) tornou-se um destino muito procurado desde meados da década de 1990, período em que o Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) cessou sua atividade, a partir do qual se observa o início do processo de ocupação pelo turismo. Na segunda metade da década de 1990 as mudanças ocorreram com grande rapidez. Ergueram-se inúmeras pousadas e restaurantes, notadamente na Vila do Abraão, principal porto receptivo da IG. Vários trechos foram transformados em áreas de camping, mesmo quintais de casas particulares, sem distinção de tamanho. Hoje em dia o turismo é a principal atividade econômica da IG, sendo que a maioria das outras atividades convergem para o turismo - direta ou indiretamente. Está localizada na Baía da Ilha Grande e pertence ao município de Angra dos Reis, região denominada Costa Verde.

Este estudo pretende analisar o modo pelo qual o IPCM atua no imaginário de visitantes e na percepção dos residentes, já que a ilha era tida como "lugar proibido" e "inacessível" pelos primeiros e "local de trabalho" para os últimos. Acredita-se que a visão de cada um deles interfira no significado do presídio para o turismo e para o modo de vida local por configurarem lógicas distintas. Desta forma torna-se possível identificar como ocorreu a "invenção" da Ilha Grande enquanto atrativo turístico.

A área de estudo delimitada para a realização da presente pesquisa engloba a Vila Dois Rios (VDR), principal condicionante do turismo na ilha por ter abrigado o presídio e, ainda hoje, suas ruínas, além da atratividade cênica de sua praia e dos dois rios que a compreendem. Para tanto, foi realizado pesquisa de campo através de entrevistas com residentes (ex-funcionários) e visitantes.

A Vila Dois Rios

A VDR é o berço da principal história carcerária da IG. De 1903 a 1932 abrigou a Colônia Correccional de Dois Rios. Em 1940 foi edificado o IPCM e, com sua desativação em 1994 e a paulatina apropriação da IG para o turismo, as mudanças de paradigmas dos moradores locais era proeminente. A evasão de funcionários para seus locais de origem fez com que a vila entrasse em estado de degradação, o que não intimidou a visitação turística.

Seu o território faz parte do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e seu terreno foi cedido à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 1998, que estabeleceu o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) com o objetivo de transformar a VDR em um campus de pesquisa avançada em meio ambiente. No entanto, a permanência do presídio permite que ações no sentido de preservar suas ruínas ainda possam ser desenvolvidas, afinal, removê-las acarretaria em incalculável prejuízo para a memória histórica do Brasil, que não se faz apenas de belas construções. Outros presídios, como o da Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, o de Alcatraz, nos Estados Unidos e o da Ilha de Anchieta, no Brasil, hoje configuram grandes atrativos turísticos.

O Instituto Penal Cândido Mendes

Em 1903, foi construída a Colônia Correccional de Dois Rios (CCDR), na VDR. Em

*Coordenadora do Curso de Gestão de Turismo e professora de Metodologia Científica em diversos cursos do UNIFOA. Possui mestrado em Ciências Ambientais e Florestais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2006), onde foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e graduação em Turismo (2000). Tem experiência na Área de Planejamento do Turismo, com ênfase em Planejamento e Gestão Ambiental, atuando principalmente nas seguintes Áreas: educação, pesquisa, planejamento, meio ambiente (especialmente metodologias de Capacidade de Carga Turística) e estudos de percepção.
E-mail: dutracarolina@gmail.com

1936, o escritor Graciliano Ramos foi preso e passou pela CCDR, entre outras cadeias, acusado de "subversão comunista". Sua experiência foi retratada na obra "Memórias do Cárcere". Sobre a expectativa de chegada à VDR, Graciliano relata:

Capitão Mata supunha que desceríamos na colônia correccional de Dois Rios, na Ilha Grande. (...) As notícias da colônia eram indefinidas e agoureiras, talvez mais alarmantes por não se determinarem; a mais simples referência ao desgraçado lugar gelava as conversas e escurecia os rostos (Ramos, 1954, 1 volume, p.213)

Em 1940 foi edificado o IPCM, com capacidade para mil detentos considerados de alta periculosidade, de onde surgiram as primeiras organizações internas. A primeira delas foi o "Comando Vermelho", responsável por inúmeras ações criminosas, dentro e fora do presídio, e pelo tráfico de drogas. Durante seu funcionamento, o IPCM empregava em torno de 120 pessoas, que moravam na VDR ou na VA (Figuras 1 e 2).

O jornalista e escritor Fernando Gabeira foi preso durante a década de 1970 e, dentre os marginais "famosos" destacou-se João Francisco dos Santos, o Madame Satã, que morou na Vila do Abraão após sua liberdade até 1976, data da sua morte; o assaltante Lúcio Flávio Villar Lirio, conhecido por ter denunciado o Esquadrão da Morte da polícia do Rio de Janeiro na década de 1970, que teve sua

vida documentada em livro e filme; o assaltante e traficante de drogas José Carlos dos Reis Encina, conhecido como "Escadinha", autor da fuga de helicóptero do IPCM (Ribeiro, 1995, p. 31).

A implosão do IPCM, em 28 de março de 1994, evidenciou o total desconhecimento de outros conceitos de patrimônio histórico que não seja o clássico e antigo "colonial brasileiro", bem como outros tipos de uso possíveis da construção. Os detentos remanescentes foram direcionados para as Unidades de Segurança Máxima de Bangu e Complexo Frei Caneca na cidade do Rio de Janeiro.

Antecedentes culturais

Segundo Le Goff (2000, p. 542), o monumento é um documento, a prova de sua própria existência. Entretanto o documento sem a presença física do monumento pode atuar como tal devido a seu valor. No caso da demolição do presídio, os documentos são fundamentais para a preservação da cultura do local. Desta forma, a "memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural".

Durante a Revolução Francesa "os monumentos demolidos, danificados ou desfigurados por ordem ou com o consentimento das comissões revolucionárias são-no enquanto expressão de poderes e

Figura 1: Escudo fabricado pelos membros do Comando Vermelho, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

Figura 2: Escudo e estoque fabricados pelos membros do Comando Vermelho, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

de valores desprezados. (...) manifestação de rejeição face a um conjunto de bens cuja inclusão macularia o patrimônio nacional, impondo-lhe os emblemas de uma ordem terminada (Choay, 2000, p. 93)." A demolição do IPCM, mesmo tendo ocorrido no final do século XX, pode ser atribuída ao desprezo pelo seu valor enquanto bem público, caracterizando um ato de vandalismo, não encarado como fundamento material da memória e da cultura de um povo.

Choay (2000, p. 92) afirma que "romper com o passado não significa nem abolir a sua memória, nem destruir os seus monumentos, mas conservar uns e outros num movimento dialético que, simultaneamente, assume e ultrapassa seu significado histórico original, ao integrá-lo num novo estrato semântico". Trata-se da apropriação de um monumento para outras atividades, que não a original, para fins de preservação. Tal apropriação poderia ter finalidade de utilização para o turismo, transcendendo seu significado histórico e promovendo sua preservação.

Assim, entendendo-se cultura como "uma série de padrões integrados de comportamento, desenvolvidos a partir de hábitos de massa (Hoebel, In: Shapiro 1972 (org), p. 212)" conclui-se que o *modus vivendi* da população local era extremamente influenciado pelos forasteiros, funcionários vindos de outras localidades e o convívio com os detentos e os familiares dos mesmos. Dessa forma, o cotidiano das pessoas era marcado pela rotina de trabalho do presídio.

Para Rubio "(...) uma das maiores dificuldades para uma aproximação correta e em profundidade do feito turístico, ao mesmo tempo que fonte de debilidade e incerteza do setor, é a leitura distinta que do mesmo espaço fazem os diferentes indivíduos ou coletividades, leitura que, no entanto, se encontra submetida a uma intensa variabilidade (1986, p. 49)¹". Sob esse aspecto se resvalam as diferenças entre a sociedade

da VDR e o imaginário dos visitantes, na maioria das vezes impregnado com as informações distorcidas divulgadas pela mídia. Notamos isso através da divulgação feita em revistas não científicas de turismo, na segunda metade da década de 1990 e em 2000, como exemplificado a seguir:

Os Caminhos da Terra, exalta a natureza intocada, preservada em razão do IPCM

A Ilha Grande, (...) por muito tempo viveu isolada por um fantasma. (...) A simples presença do prédio sinistro [o Instituto Penal Cândido Mendes] e suas figuras marginais impunham não apenas à praia, mas a toda a ilha, uma aura de medo e maldição. Por culpa dessa fama, desprezada pelo turismo, a Ilha Grande manteve quase intocados seus 193km² (...). Quando o presídio foi desativado, em abril de 1994, era de se supor que a ilha espantasse seu passado e fosse definitivamente descoberta (1995, p. 24-32).

O Guia Esso afirma que

Com a desativação de presídio em 1994, e o fim do temor que ele causava aos turistas, Ilha Grande tornou-se um dos pontos mais atraentes do litoral brasileiro. Tem inúmeras praias, em geral desertas e preservadas, que podem ser visitadas de barco, ou a pé por trilhas que atravessam a mata natural (...) (1997, p.47).

A revista Viagem e Turismo, reforça a imagem negativa do IPCM

(...) a Ilha Grande. E se você logo associou seu nome a um presídio, já tem a explicação para o fato de ela não ter explodido para o turismo até hoje (...).

A reputação de território proibido, na verdade, foi a salvação de Ilha Grande. (...) ela deve sua preservação principalmente ao presídio (...) e à aura de maldita que sempre teve (1997, p.104).

1. "(...) una de las mayores dificultades para una aproximación correcta y em profundidad al hecho turístico, al mismo tiempo que fuente de incertidumbre y debilidad del sector, es la distinta lectura que del mismo espacio hacen los diferentes individuos o colectividades, lectura que, por lo demás, se halla sometida a una intensa variabilidad."

A Terra especial Ecoturismo libera definitivamente a entrada, pois

Os presos já não existem mais. Foram removidos com a desativação do presídio, em 1994. Mas ficaram as trilhas abertas por eles (...) (1999, p. 25).

Enquanto que a Veja Rio, ressalta o crescimento espantoso do turismo na IG e a alegria de um morador

Os 200 quilos de dinamite que demoliram o Instituto Penal Cândido Mendes quase seis anos atrás mudaram bastante o lugar. (...) Em pouco tempo, a ilha entrou nos roteiros de turismo de massa. 'O progresso chegou. Vem gente do mundo inteiro', diz o pescador Prudenciano Xavier de Oliveira, de 85 anos, entre saudosista e animado com os novos tempos. A cada verão pós-presídio, a horda de turistas aumenta. Para este ano, a previsão é de pelo menos 80 000 pessoas desembarquem por lá até o final de março. Isso significa dez vezes a população local (2000, p. 10-11).

A revista Viagem e Turismo explica porque a IG não era visitada durante a existência do IPCM

Marcada por ter sido uma ilha-presídio até seis anos atrás, só agora o número de turistas que a visitam começa a fazer jus às suas atrações naturais (...). E quem ia querer ir para um lugar onde as trilhas e praias eram rotas de fuga de bandidos? Ninguém, claro.(...) a Ilha Grande é um surpreendente reduto de tranqüilidade e preservação. A ironia é que isso se deve ao mesmo presídio, já que foi ele que manteve longe as marinas, os condomínios de luxo e até as favelas (...) .Até dois anos atrás, praticamente todos os visitantes eram aventureiros dispostos a acampar na ilha. Hoje não mais.

É cada vez maior o número de casais que chegam para um romântico final de semana. A transformação acelerou-se há seis meses, quando o telefone chegou na vila (2000, p. 52-54).

O turismo consegue, ao mesmo tempo, criar novos atrativos e transformar o significado

dos já existentes (Rubio, 1986 p. 51). No caso do IPCM a mudança é enorme - de casa de detenção a atrativo turístico. Evidencia-se, assim, a importância de coisas efêmeras de ontem; as de hoje podem tornar-se referência para gerações futuras. O olhar das pessoas hoje em relação a objetos e modo de vida do passado é de distanciamento e estranheza. Esse olhar incita o estudo, a investigação do passado. Desassocia-se, então, a idéia de patrimônio ligado a objetos antigos, velhos e mau cuidados (Lowenthal, 1997, p. xxi). Os escombros do presídio permanecem na IG e tornaram-se atrativos para os visitantes que percorrem suas instalações ainda erguidas, perplexos com a situação observada. Os moradores, por sua vez, encaram as ruínas como sendo parte de seu passado que, conseqüentemente, também define (Figura 3).

Figura 3: Casas abandonadas na VDR, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

Lowenthal observa:

Eu comecei a perceber que os passados que alteramos ou inventamos são tão prevaletentes e conseqüentes quanto aqueles que tentamos preservar. Certamente, a herança totalmente preservada ou reproduzida autenticamente não é menos transformada que uma manipulada deliberadamente (1997, p. xviii)².

Afirma-se, então, a necessidade de preservação das ruínas enquanto parte da

2. "I began to realize that the pasts we alter or invent are as prevalent and consequential as those we try to preserve. Indeed, a heritage wholly saved or authentically reproduced is no less transformed than one deliberately manipulated."

cultura de um povo, já que, consoante o autor "Ruínas físicas têm suas limitações como informantes, com certeza: elas são elas próprias mutantes, requerendo interpretações; suas contínuas, mas diferentes erosões e demolições distorcem os fatos; e sua substancial sobrevivência emerge um passado mais estático do que poderia ter sido o caso (1997, xviii)³."

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória realizada através de entrevistas estruturadas, baseada nos modelos de Dencker (2001). As entrevistas com moradores da VDR e ex-funcionários do IPCM (Tabela 1) objetivaram diagnosticar as diferenças percebidas por eles entre seu modo de vida durante a atividade do mesmo e após o fechamento e advento do turismo na IG. O critério para a seleção dos residentes a serem entrevistados foi a idade e o tempo de vivência na VDR. Esses dois aspectos foram fundamentais para identificar se os possíveis entrevistados eram moradores desde antes da desativação do IPCM (1994). Outras informações como profissão durante a existência do IPCM e após sua demolição foram úteis para investigar quantos moradores da VDR foram funcionários

do IPCM e que tipo de função desempenham no presente (principalmente se estiverem ligadas ao turismo).

As entrevistas aplicadas aos visitantes da IG (Tabela 2) tiveram como objetivo observar as opiniões acerca da imagem existente do IPCM, ou seja, investigar o significado deste no imaginário dos turistas. O critério utilizado foi o lugar escolhido para as entrevistas. Primeiramente, a abordagem foi feita antes de o visitante adentrar as ruínas do IPCM, caso fosse sua primeira ida ao local. Posteriormente, colhia-se a informação ao término da visita. Assim foi possível identificar o confronto entre a imagem do local, muitas vezes baseada na divulgação midiática, e a realidade encontrada. É necessário explicitar que informações quanto ao sexo, idade e local de origem dos visitantes podem ser utilizadas para levantamentos posteriores (como principais núcleos emissores ou faixa etária média) e também para verificar uma possível ligação entre esses dados e o imaginário correspondente. Por exemplo, se o entrevistado tem menos de 30 anos, é possível que não tenha conhecimento da importância do IPCM, por não ter presenciado alguns fatos. Por outro lado,

Tabela 1: Modelo da entrevista aplicada aos moradores da Vila de Dois Rios.

Nome.
Idade.
Escolaridade.
Estatu civil.
Profissão atual.
Profissão à época do presídio.
1) Como era a vida na época da atividade do presídio?
2) Como é a vida nos dias de hoje?
3) Qual a mudança mais drástica sentida pelo(a) senhor(a) após a desativação do presídio?
4) O(a) senhor(a) gostaria que o presídio ainda estivesse em funcionamento?
5) O(a) senhor(a) acha que o presídio deveria ter sido demolido? Por que?
6) O turismo para o(a) senhor(a) significa progresso ou incômodo?
7) Os turistas que chegam à vila incomodam o(a) senhor(a)?
8) Um aumento do fluxo de turistas na vila provocaria mudanças positivas ou negativas na rotina de sua vida?

3. "Physical remains have their limitations as informants, to be sure: they are themselves mute, requiring interpretation; their continual but differential erosion and demolition skews the record; and their substancial survival conjures up a past more static than could have been the case."

aqueles acima de 20 anos podem ter sido contemporâneos do presídio, o que poderia gerar impressões mais eloqüentes.

A pesquisa de campo foi realizada no período de janeiro de 2004, contando com a participação de 5 moradores (ex-funcionários e 1 ex-detento) e 57 visitantes, considerando a dificuldade de acesso à vila e decorrente escassez de visitação.

A visão do morador da Vila Dois Rios

Para os residentes na VDR a convivência com os detentos era algo natural e oferecia segurança à população, devido ao próprio sistema do IPCM. A limpeza e a manutenção da VDR cabiam aos presidiários e havia uma maior atenção do governo estadual e municipal. Além disso, havia os empregos gerados pelo presídio.

Conforme o Plano Diretor do PEIG, elaborado durante o funcionamento do IPCM, "a criação da Colônia Correccional de Dois Rios em 1903 desenvolveu uma cultura de convivência entre o povo nativo e os diretamente vinculados ao sistema penitenciário, onde existe respeito de ambas as partes (...)." E ainda "na IG os incidentes de natureza policial são pequenos, sendo a evasão de presos fato isolado e perfeitamente corrigível, não criando clima de insegurança na Ilha" (UFRRJ, 1993, p. 32).

A dicotomia entre a lógica do trabalho existente à época do funcionamento do IPCM contrapõe-se a nova ordem do ócio e do lazer para os ex-funcionários residentes na VDR. "De tal forma, o turismo cria, transforma, e inclusive valoriza diferencialmente espaços que poderiam não ter 'valor' no contexto da lógica de produção (...). Toda a questão do patrimônio 'turistificado' pode ser analisado sob essa vertente (Nicolas, 1989, p. 49).⁴" Alguns moradores da VDR acreditam que o IPCM deveria ter sido transformado em museu. A maioria entende aquele espaço como sendo produtivo. As ruínas abandonadas incomodam os residentes e, de certa maneira, as impede de progredir.

O grande receio dos moradores da VDR diz respeito às grandes transformações espaciais e sociais que podem vir a ocorrer. Essa perspectiva é observada por Nicolas quando afirma que "à valorização social desses espaços deve acompanhar-lhe a possibilidade de serem usados. Quando passa a ser massiva, será o momento no qual as transformações do espaço também serão massivas, mediante uma atuação intensiva sobre o território (1989, p. 218).⁵"

O passado está presente tanto nas ruínas do IPCM (Figura 4) quanto na memória dos moradores da VDR. As entrevistas realizadas demonstraram a imensa ligação

Tabela 2: Modelo da entrevista aplicada aos visitantes da Vila Dois Rios e da Vila do Abraão

<p>Antes da entrada nas ruínas:</p> <p>Cidade de origem.</p> <p>Sexo.</p> <p>Idade.</p> <p>1) É a primeira vez que o(a) senhor(a) visita a Ilha Grande?</p> <p>2) Qual a imagem que o(a) senhor(a) tinha da Ilha Grande antes de vir até aqui?</p> <p>3) Essa imagem mudou ao chegar e conhecer melhor o lugar?</p> <p>Ao término da visita às ruínas:</p> <p>1) Qual a sua impressão do lugar agora?</p> <p>2) As descrições relatadas por outros visitantes ou pela mídia refletem suas expectativas sobre o local?</p>

4. "De tal forma, el turismo crea, transforma, e inclusive valoriza diferencialmente espacios que podrian no tener 'valor' en el contexto de la lógica de producción (...). Toda la cuestión del patrimonio 'turistificado' se puede analizar bajo esta vertiente."

5. "a la valoración social de estos espacios, debe acompañarle la posibilidad de ser usados. Cuando pasa a ser masivo, será el momento en el cual las transformaciones del espacio también serán masivas, mediante una actuación intensiva sobre el territorio."

Figura 4: Ruínas da parte interna do IPCM, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

existente entre as pessoas e as edificações ruínas. Há um sentimento saudosista e um certo inconformismo com a situação de abandono em que a VDR se encontra, já que "mesmo quando enobrecido pela nostalgia ou depreciado pelos partidários do progresso, o passado parecia não um país estrangeiro, mas parte deles mesmos. (...) Um passado em termos similar ao presente também aceita visões sobre por quê as coisas aconteceram assim (Lowenthal, 1997, p. xxi).⁶"

Choay (2000, p. 95) questiona se "(...) uma nação se pode dar ao direito de destruir os fundamentos materiais de sua história? (...) indivíduos e sociedades não podem preservar e desenvolver a sua identidade senão na duração e através da memória?". A demolição do IPCM significou para a população da VDR, segundo as entrevistas, a destruição de seu passado, na medida em que a lógica da sociedade então existente era entremeada pela rotina de vida imposta pelo IPCM.

Em decorrência disso, pode-se observar a paulatina perda da identidade cultural do lugar, posto que "(...) se as referências feitas são literárias e nos remetem numa primeira instância à elaboração ficcional, há efetiva transcendência destes aspectos, configurando dimensões mais amplas do

patrimônio que envolvem também, por exemplo, a cultura popular (Camargo 2000, p. 6)."

O ex-detento Júlio de Almeida (Figura 5), 72 anos, condenado a 68 de prisão por homicídio, vive na VDR desde a desativação do IPCM, quando obteve liberdade condicional. Júlio casou-se, tem dois filhos e presta serviços ao CEADS/UERJ, assim como a maioria da população da VDR. Para ele a liberdade é obviamente importante, mas não nega que a qualidade de vida dos moradores durante o funcionamento do IPCM era maior. Opinião, essa, compartilhada pela maioria dos entrevistados.

Figura 5: ex-detento Júlio de Almeida, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

A queixa mais explícita refere-se ao transporte. O acesso à VDR é difícil tanto por terra quanto por mar. Este último está sempre revoltado e a praia não possui cais de atracação. Por terra há uma estrada de 12 Km até a Vila do Abraão (melhor acesso ao continente). Quando da atividade do

IPCM havia vários veículos a disposição dos moradores e funcionários. Hoje em dia restam apenas quatro, sendo três da Polícia Militar da Vila do Abraão e um do CEADS/UERJ disputados pela população, que é obrigada a seguir os horários impostos e está sujeita às acomodações precárias.

6. "Even when ennobled by nostalgia or depreciated by partisans of progress, the past seemed not a foreign country but part of their own. (...) A past explained in terms similar to the present also suited views of why things happened as they had."

O imaginário do visitante da Ilha Grande

A percepção nostálgica do lugar pelos moradores, em boa parte, não é compartilhada pelos visitantes, que conheceram o local em seu estado atual. Para a maioria dos turistas, a imagem do IPCM é negativa e imaginam que a vida na IG seja melhor atualmente. Segundo Nicolas, "o espaço não é somente o elemento que permite mudar de lógica, mudar de 'mundo'. É também um fator constitutivo da experiência do turismo (1989, p. 42).⁷", já que a existência do IPCM provocava uma certa repulsa nas pessoas, devido às constantes fugas e a alta periculosidade dos detentos, o que manteve a IG fora das rotas de turismo até o início da década de 1990. Hoje em dia as ruínas da cadeia permitem a volta ao passado⁸, e provocam sensações nos visitantes, variando desde "tristeza" a "excitação", conforme demonstrado pelas entrevistas. Alguns comentam a "atmosfera pesada", que remete à sensação de encarceramento em meio a uma paisagem tão exuberante. Em outra análise, Grünwald (2003, p. 143) destaca a busca, por parte do visitante, pelo remoto, pelo diverso, e por grupos que tenham estilos de vida considerados estranhos ao seu cotidiano. Caso da VDR, agora em estado de abandono e isolados do resto do mundo (Figura 6).

Podemos, então, perceber que "o imaginário coletivo ligado ao turismo se construiu através dos relatos dos que viajaram primeiro, da mesma forma que as primeiras cruzadas criaram um imaginário que gerou conseqüências e uma visão distorcida (Nicolas, 1989, p. 46).⁹" A imagem maldita da IG deve-se, em grande parte,

às impressões dos primeiros visitantes e seus relatos.

Camargo afirma:

Os termos construção ou invenção do patrimônio, não devem ser entendidos como recursos de retórica. Eles se fundamentam na constatação da inexistência do conceito de patrimônio histórico em outras sociedades, que não aquelas advindas da Revolução Industrial em fins do século XVIII e, dos seus desdobramentos nos dois séculos subseqüentes (2000, p. 1).

Sobre o mesmo aspecto, Luchiari coloca:

A descoberta e a invenção - termo muito utilizado nas análises turísticas -, não possuem o mesmo significado, mas convergem na emergência dos lugares turísticos. Na descoberta o turista é o primeiro a revelar a existência de um lugar. Na invenção, o turista é o criador das representações valorativas de certas paisagens (Deprest, 1997: 101). Estes dois processos associados é que dão visibilidade às paisagens (In: Lima (org.) 1998, p. 20).

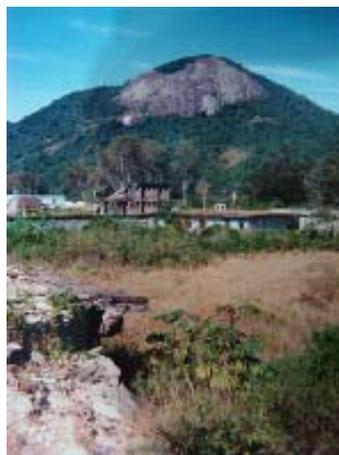
No caso da IG, houve a invenção de sua imagem enquanto atrativo turístico a partir do referencial dos primeiros visitantes e da divulgação dessa imagem na imprensa. A princípio a beleza da paisagem natural era o grande diferencial. Entretanto, a

algunha da IG de paraíso esteve sempre ligada à existência do IPCM, o que, para os visitantes alterava a alcunha para paraíso proibido. Dessa forma, o recurso turístico IG foi paulatinamente sendo construído/inventado.

Conclusões

Toda a simbologia envolvendo a existência de

Figura 6: Ruínas internas do IPCM, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

7. "el espacio no es solo el elemento que permite cambiar de lógica, cambiar de 'mundo'. Es también un factor constitutivo de la experiencia del turismo". (Nicolas, 1989, p. 42).

8. A visita às ruínas permite ao visitante observar as inscrições deixadas pelos ex-detentos na parede da única cela mantida. Algumas delas têm conteúdo forte e foram transcritas no Anexo.

9. "El imaginario colectivo ligado al turismo se constituyó a través de los relatos de quienes viajaron primero, en la misma forma que las primeras cruzadas crearon un imaginario que generó las consecutivas y una visión desvirtuada (...)" (Nicolas, 1989, p. 46).

uma penitenciária em uma ilha torna a mística da visitação muito mais pronunciada. O cárcere exerce fascínio por si só, assim como o isolamento de uma ilha. Mas o primeiro gera uma mística que pode variar do asco   excitação. Pode-se observar que alguns visitantes sentiram-se extremamente desconfortáveis durante o passeio nos escombros e mesmo na vila, que é praticamente uma vila "fantasma", com casas abandonadas e jardins mal cuidados.

As perspectivas apresentadas podem ser analisadas do ponto de vista do pertencimento, onde as vivências influenciam a percepção. No caso dos ex-funcionários, a vida deles era melhor durante o funcionamento do IPCM. De fato, o saudosismo pode por vezes significar a reverbera o de uma época que não era melhor, mas sim, subvertida pelas lembranças. Assim, os moradores da IG, em geral, referem-se   VDR como "Colônia", em referência   Colônia Penal ainda nos dias de hoje. Por outro lado, para os curiosos turistas, a visão atual é interessante e mágica (positiva ou negativamente).

A VDR sofre atualmente um período delicado de apropria o do seu território. Não há, atualmente, nenhuma espécie de cultura local se desenvolvendo em rela o aos moradores remanescentes. Resta a memória, através de diversos registros. Agora a lógica vigente   de um centro de pesquisas em desenvolvimento. De qualquer forma, o IPCM e suas histórias contribuiram para a inven o da IG enquanto recurso turístico. Todo esse rico acervo patrimonial deve ser preservado e pode utilizar-se do turismo como fator colaborador, desde que planejado adequadamente.

A importância das questões colocadas em discussão deve ser avaliada à luz dos conceitos de Patrim nio, Cultura e Turismo. Portanto "(...) pensar o patrimônio local deve

ter como meta a existência e a vida dos seus moradores, o direito de todos ao conhecimento, o direito a ter voz e discutir suas condi es numa determinada comunidade. Sobre tudo o direito ao lazer (Camargo, 2000, p. 29). A nova fun o da IG deve proporcionar aos residentes as mesmas oportunidades de lazer que proporciona ao turista. Deve haver uma convivência harm nica, sem prejuízos a ambas as partes.

Referencias bibliográficas

- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Dimensões do Patrim nio e do Turismo Cultural no Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, IV, 2000, Joinville, Anais... Joinville, 2000.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- CYPRIANO, André. **O caldeirão do diabo**. Rio de Janeiro: Cosacnaify, 2001.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2001.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Turismo e etnicidade**, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003.
- GUIA ESSO 97. **Roteiros especiais para suas viagens**. São Paulo: Abril, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Edições 70, 2000.
- LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. London: Cambridge University Press, 1997.
- MACIEL FILHO, Luiz. **As ilhas do paraíso: Ilha Grande**, Viagem e Turismo, ano 3, n 11, edi o 25, nov 1997, p.104.
- MONTEIRO, Karla. **Mar, mato e sossego**, Veja Rio, ano 10, n 2, 12 de jan 2000, p. 10-11.

NICOLAS, Daniel H. (org.). **Teoría y práxis del espacio turístico**. Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana - Xochomilco, 1989.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. (1 volume).

RIBEIRO, Ronaldo. **O silêncio dos inocentes**, Os caminhos da Terra, ano 4. n 9, edição 41, set 1995, p. 24-32.

RUBIO, Manuel Valenzuela. **Turismo y territorio: ideas para una revisión crítica y constructiva de las prácticas espaciales del turismo**, Estudios turísticos, n 90, 1986.

SAKAMOTO, Leonardo. **Sob o sol da Ilha Grande**, Terra especial Ecoturismo, edição especial, jul 1999, p. 25.

SHAPIRO, Harry L. (org). **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1972.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano diretor do Parque Estadual da Ilha Grande**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 1993.

VIAGEM E TURISMO. **O doce sabor da liberdade da Ilha Grande**, ano 6, n 12, edição 62, dez 2000, p. 52-54.

Agradecimentos.

Agradeço sinceramente o apoio da Fundação Instituto Estadual de Florestas (IEF) do Rio de Janeiro e Ilha Grande, a Pousada dos Meros e Recanto dos Tiés, o Comitê de Defesa da Ilha Grande (CODIG), especialmente Alexandre Guilherme de Oliveira e Silva, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a população das Vilas do Abraão e Dois Rios.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	05-dez-2008
Envio ao parecerista:	29-abr-2009
Recebimento do parecer:	05-jun-2008
Envio para revisão do autor:	23-jul-2009
Recebimento do artigo revisado:	21-ago-2009
Aceite:	23-ago-2009

Anexo

Inscrições de autoria dos detentos do Instituto Penal Cândido Mendes retiradas das paredes da única cela ainda erguida. As transcrições reproduzem fielmente os escritos, mantendo a pontuação empregada, bem como os erros de grafia (Figuras 7 e 8).

Figura 7: Inscrições nas celas remanescentes do IPCM, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

Figura 8: Inscrições nas celas remanescentes do IPCM, 1991



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2001

Sobre a cadeia:

"Saí do inferno no dia 15/5/86"

"inferno 1/10/84 todos ispece de robô não me conheçero"

"Desabafo de um preso (...) mais não sepultaram a minha alma cercaram meus passos mais não corromperam meus sonhos."

"Simone eu estou sofrendo na Ilha Grande"

"um homem por sua honra morre e mata!!! um homem não se xinga não se bate não se maltrata"

"alemão não são os neutros, os comuns, nem os 3 comandos... alemão é todo criminoso que se deixa levar por toda safadesa do (...) crime..."

"Bandido não pode, ter chefe por um pequeno motivo, nenhum chefe é perfeito..."

Manifestações de religiosidade:

"Ofereço meu dia a Deus, e a virgem Maria para salvar os pecadores"

"Jesus eu creio que tu és o filho de Deus que veio ao mundo para nos salvar"

Sobre o comando vermelho:

"Virei um inimigo do comando vermelho porque meu problema era em pról da liberdade não foi julgado com justiça, para acabar em paz: fui espancado, e huhlado.

- Tenho honra!!!

mais não pude me defender, porque comigo a ignorância sufocou a razão. M.L.D.C."

"O comando me traiu"

Manifestações de otimismo:

"sofro mais com resignação e não como covarde! S.G.S."

"a morte me namora mais eu amo a vida."

"Se pretendes viver em paz e feliz... respeita o próximo como exiges ser respeitado!"

"Eu não tenho tudo que amo mais amo tudo que tenho. NICO"